

O Acre de Chico Mendes — III



Ilzamar

Uma nova mulher em busca de seu próprio espaço

Zuenir Ventura

XAPURI, AC — Xapuri acorda cedo. As seis horas da manhã, quando um nevoeiro mais próprio das cidades serranas ainda a envolve, para ser substituído duas horas depois por um sol escaldante, ela é agitada, se assim se pode dizer, por um bucolico movimento. Entre seis e sete horas, todo mundo que tinha que sair já saiu de casa, de preferência de bicicleta. É o momento em que parte o primeiro dos dois únicos ônibus diários para Rio Branco e em que as pessoas se unizam nas ruas com o pão de abaixo do braço, se cumprimentam e às vezes param para comentar as notícias do dia, que, pela TV, aqui chegam cem duas horas de antecedência.

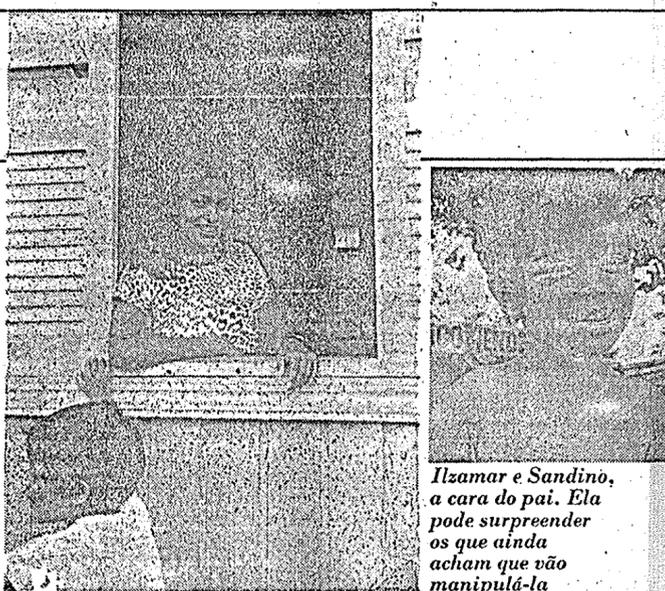
É também o grande momento cívico. As 7h, religiosamente, o tenente Célio, comandante da PM local, reúne os seus 25 subordinados para fazer uma edificante preleção e para hastear as bandeiras do Brasil e do Acre — um lábaro estrelado por uma solitária estrela vermelha, símbolo do sangue derramado pelos seringueiros que, comandados por Plácido de Castro, retiraram pelas armas os valiosos 15 milhões de hectares acreanos das mãos dos bolivianos, seus donos legais até pelo menos 1903.

Antes de Chico Mendes, Plácido era o maior herói da cidade — e de todo o Estado. Porque Xapuri não se chama Plácido de Castro, eis uma imperdoável injustiça aos dois.

Foi aqui, na madrugada de 6 de agosto de 1903, que esse caudilho gaúcho proclamou o Estado Independente do Acre, contra a vontade do governo central e contra os interesses norte-americanos. Depois de ler nos jornais o teor do contrato firmado entre a Bolívia e o Bolivian Syndicate, colocando nas mãos dos Estados Unidos a soberania da Bolívia e, por tabela, a do Brasil, Plácido não teve dúvida: fez a sua revolução antiimperialista.

As 4 horas da manhã de 6 de agosto, desembarcou com seus homens, seringueiros cearenses aqui instalados, para tomar de assalto a Intendência boliviana.

O rio Acre em Xapuri é tão indolente que em alguns trechos, certamente por preguiça, ele nem se dá ao trabalho de indicar se está descendo ou subindo. Pode-se imaginar a impaciência do impetuoso Plácido naquela madrugada, quando prudentemente suspendeu os remos para não chamar a atenção e deixou que sua embarcação deslizasse lentamente por aqueles 4 km. Quando



Ilzamar e Sandino, a cara do pai. Ela pode surpreender os que ainda acham que vão manipulá-la

desembarcou e chamou pelo intendente Juan de Diós Barravento, que ia comandar os festejos pela independência da Bolívia, este achou que alguém o estava acordando cedo demais e irritou-se.

— Es mui temprano para la fiesta! Bom de briga e de frase, o conterrâneo de Brizola coloriu sua gauchada:

— Não é festa, senhor Intendente, é Revolução!

A frequência com que se conta esse diálogo aqui é semelhante à com que os habitantes, principalmente os seringueiros, se apresentam aos sobrinhos ou netos dos soldados de Plácido.

É um exagero que revela o quanto esse povo inculto cultua sua história e venera seus heróis. Xapuri, coisa rara no Brasil, tem memória, e já se pode prever o que acontecerá com Chico Mendes.

— Chico Mendes hoje está sendo beatificado; amanhã será santificado — nos havia dito ironicamente o empresário Luis Tavares dias antes em Rio Branco.

Está sendo mais rápido do que ele pensa. Nas paredes de muitos bares de Xapuri ainda há um cartaz com a imagem de São Sebastião anunciando os festejos do padroeiro da cidade, que divide com o Rio de Janeiro esse privilégio. Como legenda, duas frases de Chico Mendes: "Lutarei até as últimas consequências para defender a floresta" e "Quero viver para defender a Amazônia". Embaixo: "Pague sua promessa, faça sua devoção".

Falar com a viúva do novo mártir sozinha é muito difícil, não tanto pela segurança que a protege 24 horas por dia. Pela porta sempre aberta das 6, 7 horas da manhã, até 9, 10 horas da noite, passam vizinhos, seringueiros, jornalistas, ambientalistas, produtores e diretores de cinema.

Já foi muito pior. Durante o Encontro eu não tinha sossego — diz Ilzamar.

De fato, na primeira vez que havíamos marcado entrevista com ela em Xapuri, porque em Rio Branco era quase preciso entrar na fila, perdêramos a viagem por alguns minutos. Um avião chegara pouco antes com a missão de levá-la. Era indispensável sua presença no II Encontro dos Seringueiros e I dos Povos da Floresta para ver projeção de filmes, discutir com os gringos, conversar com a Comissão que está selecionando as propostas de filmagem da vida do líder seringueiro, enfim, falar com Deus e todo o mundo.

A entrevista entre seis e sete da manhã tinha a vantagem adicional, segundo ela, de encontrar os filhos dormindo, principalmente Elenira, uma menina de quatro anos visivelmente carente e traumatizada que solicita a mãe incessantemente. Ela talvez tenha sido a última preocupação do pai. Ilzamar não tem dúvida hoje de que, entre o sangue que escorria de sua boca, os lábios de Chico pronunciaram, já sem som, a palavra Elenira, olhando para a mulher.

Sandino não, Sandino é uma miniatura de Chico Mendes. Pelo sorriso, pela doçura, até pela barriguinta empinada, ele é, segundo familiares e amigos, a cara saudável do pai sem bigode.

Para os amigos e até para alguns adversários, Chico era um sedutor. As lembranças, quando conseguem ultrapassar as interjeições e exclamações que pouco informam — "Ele era fantástico", "Era incrível!", "Ah, que homem!" — revelam uma constante não muito comum nas esquadras. Antes de conquistar as pessoas pelas ideias e projetos, Chico Mendes já havia feito a conquista pela alegria e pelo afeto — pelo coração.

As 6h30 daquela manhã, 2 de abril, não era uma simples criança de dois anos que me pegava

pela mão e me convidava a entrar: "Vem cá, mamãe tá lá". Por força de um milagre genético, era o próprio Chico Mendes.

Ilzamar é daquelas pessoas a quem as fotos em geral fazem injustiça. Alguma coisa nela dá a absurda ilusão de que ali estava o resultado de três reinos: animal, vegetal e mineral. A pele é provavelmente de bronze. O corpo tem a concisão de uma seringueira e a carne, a carne deve ter a consistência da borracha. Os cabelos são negros como Alencar, por não conhecer Ilzamar, achava que eram os de Iracema. Essa visão desperta uma dúvida:

— Será que Sônia Braga vai dar conta desse personagem?

Pelo porte, e com um rápido banho de loja, Ilza pode frequentar qualquer salão chique. Pela fala, pode ser denunciada por transgressões gramaticais muito frequentes aqui do tipo "ela veve aqui" "o pessoal foram". Mas pelo que fala e pensa, pode ser jogada não importa em que corte, como aliás já foi. O nosso correspondente em Washington, Manoel Francisco Brito, descreveu há tempos no JB como essa mulher que não conhecia elevador, neon, bidê, telefone sem fio, arranha-céu, não se deslumbrou com nada disso e deslumbrou a elite americana com sua sensatez. Rio Branco não tem, como em geral não têm os seringueiros, excedente cultural, isto é, aquela gordura que produz muito brilho e pouca utilidade. Ela sabe o que precisa saber e intui o que racionalmente não sabe.

A mudança operada em sua vida e em sua cabeça nos últimos quatro meses só tem paralelo com outra ocorrida há 12 anos, quando no Seringal Santa Fé conheceu um seringueiro que a ensinou a escrever, a ler e a descobrir um pouco do mundo aqui de fora. Vinte anos mais velho, o professor deu aquela menineta abertura de cabeça que lhe é útil até hoje. "Eu não sabia nem do a. Foi que ele me ensinou o ABC". O professor arranjou uma cartilha não se sabe como e abriu uma escolinha para Ilzamar e dois irmãos. "Antes de sair para cortar, ele dava uma lição pra gente" lembra a ex-aluna. "Depois ele vinha, dava outro lição e voltava pra mata pra colher." O curso durou dois anos e, quando o professor partiu, a desolação foi geral. "Quando ele foi embora, eu e meus irmãos, todo mundo chorou."

Chico Mendes estava na verdade reproduzindo ali o que ocorreria com ele 14 anos antes, quando um fugitivo da Colúmbia Prestes apareceu pela mata e resolveu alfabetizar o jovem de 18 anos.

Com o guerrilheiro Euclides Fernandes Távora, Chico aprendeu a ler em jornais — o que talvez explique um pouco a importância que sempre deu à imprensa — e recolheu elementos para compreender o país e a condição dos seringueiros. Uma das principais lições que Távora lhe passou foi a de Lenin no sentido de que a luta dos trabalhadores deve ser através dos sindicatos, em qualquer circunstância: "Lenin sempre pregou que não se pode deixar de entrar num sindi-

cato porque ele é pelego", lhe ensinava o mestre. De todas as lições marxistas, porém, a que constituiu o maior legado do doce Chico parece ter sido a de Che Guevara: "Endurecer, mas sem perder a ternura jamais".

Quando Távora sumiu do seringal para nunca mais ser achado, deu um líder quase pronto. Era o ano de 1965 e o curso, que custava ao aluno caminhadas de seis horas aos sábados e domingos, estava terminado. O golpe de 64 Chico acompanhou por um rádio que seu professor conseguiu levar para a selva. Ouviu os programas da Voz da América, da Central de Moscou e da BBC de Londres. Como pelo menos os dois primeiros apresentavam versões conflitantes — um falava em vitória da democracia e o outro num golpe financiado pela CIA — aquele ouvinte atento perdido na selva amazônica acostumou-se a tirar suas conclusões depois de ouvir as divergências. Essa saudável mania ele manteve até a morte.

Uma vez, estando no Rio de Janeiro, observou que havia uma disputa entre o PT e o PV para cooptá-lo. Fez então um debate na ABI, juntando o PT, o PV, o PSB, o PCB. Ele mesmo contaria mais tarde — na sua mais completa entrevista, O testamento do homem da floresta, Chico por ele mesmo, organizada por Cândido Grzybowski, recentemente publicada — como se saiu daquele tiro: "Aí fiz o seguinte: visitei políticos do PT, do PCB, o pessoal do PV, do PSB, o Saturnino Braga...". Enfim, transou com todo mundo, porque ele achava que o seu movimento deveria ser suprapartidário e, ainda que ele mesmo pertencesse aos quadros do PT, não queria que o partido do seu amigo Lula tivesse a hegemonia no Conselho Nacional dos Seringueiros.

Embora Ilzamar não tivesse sido uma militante, ela aprendeu com o antigo professor, que só voltou a ver quando já tinha 17 anos, para se casarem depois de dois anos de namoro, várias lições, entre as quais a de ouvir. Assediada nos últimos meses pelas mais tentadoras propostas, ela se limita a ouvir. Mas quando acha indispensável reagir, dá o bote certo, como no caso famoso do jornalista americano que se apresentou como candidato a roteirista do filme sobre o líder seringueiro.

— Você conheceu o Chico?

— Não, mas...

— Então como é que quer fazer o roteiro?

No Encontro, um outro repórter americano se apresentou com a ordem do seu jornal de entrevista-la naquele dia. A resposta:

— Hoje não vou com vontade de falar.

Os argumentos de seus companheiros de que se tratava de um grande jornal americano não a demoveram.

Há quem ache que Ilzamar corre o risco de ser manobrada pelos que cercavam Chico Mendes. É possível, mas é possível também que já tenha surgido uma "nova Ilzamar". Uma coisa é certa, como se verá: a dócil esposa de Chico não é mais aquela.

Eunice

A ex que tenta lutar pelos seus direitos

XAPURI, AC — Como quase todo brasileiro, Chico Mendes era machista; como todo machista inteligente, ele dissimulava o preconceito. Mas hoje não é fácil descobrir isso. A própria Ilzamar tem dois discursos a respeito. Nas várias conversas que tivemos, ela passou a imagem de que Chico era o pai, o esposo e o amante perfeitos. Não que ela tenha desmentido isso, mas sua visão do marido é, na verdade, menos estereotipada, mais humanizada — ainda bem.

Numa entrevista a um grupo de três mulheres ligadas ao movimento feminista no Acre — cuja fita me foi codada e mais reveladora do que todas as que gravei com ela — a "Nova Ilzamar" mostrou com sinceridade que os heróis também são gente, e como a relação do casal se baseava numa concepção arcaica de papéis: o homem como dono da vontade da casa e a mulher obedecendo.

"Ilzamar nunca militou", reclamam hoje muitas ex-companheiras políticas do líder seringueiro. Elas se queixam da inconsciência com que Chico era muitas vezes interrompido em suas reuniões políticas para atender a mulher com problemas de dinheiro, de compras, enfim, problemas caseros. Pelo menos a uma delas ele teria dito: "Não dei sorte com mulher; nenhuma das duas se interessou pelo meu trabalho".

Meio brincando, certa vez uma lhe disse: "Da um estofado e uma televisão para a Ilza deixar de te encher o saco, Chico!" Não se sabe se alguma chegou a dizer o que talvez fosse o sonho de todas um dia. "Em vez de casar com ele, por que você não se casou comigo?"

Ilzamar era, assim, uma chata, como aliás toda mulher de líder que não o acompanha — pelo menos na opinião das que o acompanharam mas não são suas mulheres.

"O Chico era ótimo, um bom esposo, bom pai, não deixava faltar nada, mas não me dava espaço", confessou Ilza para suas entrevistadoras — a antropóloga Jane Villas Boas e as jornalista Vena Mubárac e Coicita Maia. Antes, a minha luta mesmo era cuidar da cozinha e dos filhos, muito embora eu tivesse vontade de entrar no movimento das mulheres e no sindicato.

Chico usava aquele maçoete muito conhecido. Não proibiu, claro, mas fazia a chantagem dos filhos. "Ele achava que eu devia só cuidar dos filhos, como ele era muito apegado aos filhos, ele achava que, se outra pessoa que não eu fosse cuidar das crianças, elas iam sofrer. Ele achava que eu, como mãe, devia cuidar so dos nossos filhos, da roupa dele, da casa e da comida, e essa era a minha vida. Eu ficava louca de entrar no movimento, de ir a um empate com o Chico, de ficar sofrendo com as companheiras e os companheiros no seringal, na mata, mas eu não tinha esse espaço".

Ilzamar nessa entrevista fala tudo isso sem ressentimento. Rancor mesmo — ou melhor, "revolta" — ela tem de alguns companheiros do mando que antes, quando iam à sua casa para reuniões políticas, mal olhavam para ela, e agora não fazem outra coisa.

"Eu era apresentada — essa aqui e minha esposa e pronto: na saída, tchau, e todo mundo ia embora e eu ficava na cozinha".

Esses companheiros talvez sejam os mesmos que hoje fazem insinuações maldosas: "Se converso com um, falam que estou namorando; que estou com caso. Aliás, tem gente que diz que eu tinha caso antes do Chico morrer". "Revoltada. Ilzamar rejeita essa imagem, porque injurias também recusa a oposta, a de uma possível mater-



D. Eunice e o dr. Valladão: primeiro a pensão do Furrural, depois a participação no filme

dolorosa: "Eu não vou dizer que toda a vida vou ficar viúva, eu tenho 24 anos!"

Ilza não esconde que se sentiu usada, mas que reagiu e não aceita mais. Para quem acredita que ainda a pode manipular, um aviso: "Antes eu não caminhava, o Chico e quem me levava. Mas agora, de repente, eu tenho que caminhar com meus pés".

A três horas de barco da casa de Ilzamar no centro de Xapuri, mora o Dr. Eunice Feitoza, 36 anos, seis filhos. Ao contrário do que fizeram com Ilzamar, os produtores americanos não procuraram o Dr. Eunice, nem eles, nem ninguém, pelo menos até o dia 10 de abril último.

D. Eunice é a primeira mulher de Chico Mendes, com quem viveu de 1969 a 1971 e teve duas filhas: uma, que morreu, e a outra, Ângela Maria, de 19 anos, que mora em Rio Branco. Ela vive no Seringal Nova Esperança, Colocação Isaura, com Antônio Cabral da Silva.

Quando D. Eunice chegou para a entrevista, chamada por um dos filhos lá no paiol, e se sentou a meu lado, tive a impressão de estar diante de algo apenas um pouco mais do que um amarelado inofensivo — acudado, em pânico. As primeiras perguntas ela não conseguiu responder. Tentava, obediente, mas as palavras não saíam. Foi preciso dar algum tempo.

— D. Eunice, a sra. entrou na Justiça para participar dos direitos do filme não?

- Tá
- A sra. acha que tem direito a quê? (longo silêncio)
- A sra. era casada com ele?
- Eu era casada com ele
- Mas a sra. tinha papéis?
- Eu tinha, mas só que ele pegou o papel e não entregou mais
- A sra. gostava dele?
- Quando eu era casada com ele eu gostava
- A sra. soube da morte dele como?
- Quando aconteceu nos fomos pra lá, pro Xapuri
- A sra. esperava?
- Esperava, eu ouvia o pessoal falar, né
- Como a sra. vive?
- Eu? Eu trabalho no roçado
- E dá pra viver?
- Tem que dar, né?
- A sra. vive com quem?
- Com aquele homem ali, moro com ele
- F. a sra. acha que vai ganhar isso na Justiça?
- Não sei, né.

— Mas se ganhar vai ser bom, né?

— É, se ganhar vai ser bom.

— A sra. sabe quanto?

— Sei não

— A sra. já foi lá dar depoimento, falar?

— Já falei tudo lá.

— Foi o advogado que procurou a sra.?

— Foi o advogado

— Como é que ele se chama?

— Valadão, dr. Valadão

— A sra. conheceu ele?

— Não, senhor

— Ele veio aqui?

— Não, eu fui lá conversar com ele

— Mas quem procurou a sra. ou ele?

— Eu que procurei

— Mas a sra. acabou de dizer que ele e que tinha procurado?

— Não, eu e que procurei conversar com ele

— Por quê? Alguém disse que a sra. devia ir?

— Quem?

— A sra. e casada com seu Antônio?

— Ih, tá com uns 17 anos, mais ou menos. Então, eu mandei pedir outra vez, então ele mandou dizer que num entregava não. Ai também num percurrei mais, ele falou que num entregava mais. Ai, quando ele morreu, com dias, com 8 dias, eu fui no Xapuri, eu fui no Fórum percurrei. Percurrei e num achem de jeito nenhum

— Como o advogado?

— Ih, tá com uns 17 anos, mais ou menos. Então, eu mandei pedir outra vez, então ele mandou dizer que num entregava não. Ai também num percurrei mais, ele falou que num entregava mais. Ai, quando ele morreu, com dias, com 8 dias, eu fui no Xapuri, eu fui no Fórum percurrei. Percurrei e num achem de jeito nenhum

— Como o advogado?

— Fui com ele lá, também num encontrou, encontrou so aquele Ivrrinho, o índice

— Na página não tinha?

— Não, ele arrancou, só pode ter sido ele que arrancou

— Quem casou a sra. no católico?

— Padre José.

— Padre José de quê? onde ele está?

— Num sei, ele tá em Rio Branco.

— Ele vai ser chamado como testemunha?

— Deve chamar, né. Ele pode dar testemunho porque foi ele que fez o casamento. Eu acho que ele ainda tá lembrado.

— Quanto é que o advogado vai cobrar?

— Ele falou que vai cobrar pouco porque eu num posso pagar.

— Não falou quanto?

— Num falou quanto.

Acabada a entrevista, Seu Antônio me chamou para ir a casa de farinha e do paiol, onde havia dezenas de espigas de milho empilhadas como se empilham garrafas. Aos 40 anos, parecia muito mais velho. Ele tem o braço direito paralisado por causa de uma injeção, e um pouco mais de malícia do que a mulher. Me chamou ali para o que só muito vagamente percebi ser uma reclamação. D. Eunice não podia dar entrevista, o dr. Valladão recomendara muito: "Se aparecer jornalista, dá o meu cartão e diz pra me procurar". Eles haviam confundido o jornalista: com bolsa, máquina, gravador, óculos, acharam que era um mareteiro, aqueles vendedores que percorrem a floresta pelos rios. Além do mais ele é que estava me pedindo desculpas — D. Eunice não sabia de nada.

O sr. compreende, ela é muito boba.

Nesse momento, peguei os quatro pacotes grandes de biscoito, a lata de sardinha, a de salicida, as garrafas dignas, enfim, todos os mantimentos para cerca de seis horas de expedição, dei tudo aos cinco crianças em volta, que vibraram como se fosse uma loteria. Quem não achou muita graça foi Seu Carlos Freire, o barqueiro. Quando voltei à casa para me despedir, depois desse gesto que parecia de caridade, mas na verdade era de expiação, D. Eunice tomou pela primeira vez a iniciativa da palavra:

— O sr. tá vexado?

Quis responder que estava vexadíssimo, morrendo de vergonha, mas a pergunta não significava o que significa para nós do Sul. D. Eunice, contada, não era capaz de uma ironia. Notando minha indecisão, Seu Carlos veio em socorro.

Ele tá sim, Eunice, porque ainda vai hoje para Rio Branco

Compreendi então que ela quis dizer mais ou menos isso: "O sr. está com pressa? Fica mais um pouco"

Aquela mulher outrora bonita, talvez, que não conseguia mais ir, estava agradecida pelo presente aos filhos — e eu arrasado de culpa. Tinha invadido uma choupana e extorquido coisas que não tinha o direito de retirar daquela alma pura e daquela casa ingênua onde a malícia não costuma entrar. Naquela hora, eu dava tudo para ser um marreteiro.

Na volta, separado do barqueiro por sete metros, a distância que vai da proa à popa, não podendo conversar por causa do barulho do motor, sem quase poder me mexer para não desestabilizar uma canoa que na parte mais larga tem um metro, sem biscoito e sem água, aplaquei todas as minhas fomes e sedes, inclusive de justiça, pensando que pior tinham feito os companheiros de Xapuri. Por que não ampararam essa mulher? Por que não deram a ela a assistência que deram a Ilzamar? O que adianta dizer agora que ela está sendo manipulada por advogados da UDR, como se escreveu tanto? Além de não adiantar nada, não é verdade, como não foi difícil apurar depois.

D. Eunice, depois do enterro de Chico Mendes, fora ao cartório em busca de uma certidão de casamento para pleitear a pensão pelo Furrural. Quando o escrivão constatou que a folha correspondente tinha sido arrancada, encaminhou-a a defensora pública.

Quem informa agora é o dr. Norival Camargo Valladão, um contador de 70 anos que aos 64 resolveu também ser advogado, o único de Xapuri:

— Não sei porque a defensora pública, dra. Teresa, esquivou-se de atender a D. Eunice e empurrou pra mim a cliente, que se apresentou e me perguntou: "O sr. faz de graça?"

O dr. Valladão respondeu que "mancaria nenhuma". Mas como sua cliente não pudesse pagar nada; propôs então que, se e quando ela recebesse a pensão, lhe daria em pagamento as duas primeiras parcelas.

Tempos depois, já com o processo de aposentadoria em andamento e com as milionárias notícias sobre o filho de Chico Mendes, D. Eunice voltou ao dr. Valladão. Alguém lhe dissera que ela poderia ganhar muito mais do que uma simples pensão do Furrural.

Então eu me informei — conta Valladão — e tomei conhecimento de que naquele bolo lá haver dinheiro contendo.

D. Eunice então perguntou se ele continuaria com o seu advogado.

Se eu já ia ser por uma insignificância apenas para atender a sra. — não hesitou.

O advogado está convencido de que vai "restaurar o casamento original", conseguindo com isso, ele espera, anular o casamento de Ilzamar e ganhar as duas causas de D. Eunice: a pensão do Furrural e a participação no espólio de Chico Mendes.

Ele mostra a fotocópia do índice do livro de registro, onde consta, na letra F, que Francisco Alves Mendes Filho e Eunice Feitoza de Meneses se casaram no dia 7 de fevereiro de 1969, conforme registro na folha 159, do livro 1, sob o nº 312.

Mas o sr. é advogado da UDR.

O dr. Valladão quase se exalta, explica que como advogado defende qualquer um, mas o seu argumento mais forte é o seguinte: "Sou advogado de todo mundo e o próprio Chico Mendes foi meu cliente duas vezes".

Pelo menos uma dessas vezes ele consegue provar. Pode ao filho que pegue no arquivo uma pasta e retire dela uma procuração do dia 15 de fevereiro de 1985, assinada por Francisco Alves Mendes Filho, dando ao advogado poderes para processar por difamação processo 5187 — então candidato a prefeito de Xapuri, Vandyler Vianjã de Lima, que acusa Chico de ter recebido, da Fazenda Bordon, 5 milhões de cruzeiros e passagens para uma viagem de ida e volta a SP.

Descendo o lermo e barroto no Acre naquela tarde chera de sol e mosquitos, eu continuava admirando Chico Mendes, mantinha minha simpatia por Ilzamar, mas torcia por D. Eunice. Torcia para ela ganhar a causa e uma grande interprete no filme.

Fu voto em Betty Faria

O padre José

Aos 78 anos, o padre José Maria Carneiro de Lima, que diz ser considerado "doido", não deverá trazer grandes esclarecimentos ao processo do Dr. Eunice. Ele simplesmente não se lembra se casou Chico Mendes, embora se declare um amigo desde criança. "No todo eu casei uns 10 mil pessoas no Acre, como é que eu vou me lembrar? Vai no Fórum de Xapuri e consulte o livro". Padre José garante que conheceu três papas, estudou 13 línguas, fala umas sete e tirou os cursos de "cronofísica, meditação, mecânica, radioeletricidade, zoologia, etnologia, meteorologia e botânica". A par da batina, Padre José não oficiala mais: "por causa da Teologia da Libertação".